



O Autor, o Narrador e o Sujeito: Contexto das Fanfictions na Análise de Discurso

Author, Narrator, and Subject: The Context of Fanfiction in Discourse Analysis

Vagner Pereira

Ivy Ember Chistian University. <http://lattes.cnpq.br/2709028757040283>

Resumo: Este estudo propõe uma reflexão teórica sobre os conceitos de autor, narrador e sujeito no âmbito da análise de discurso de filiação materialista, compreendendo-os como noções distintas, porém articuladas, no funcionamento do discurso. Partindo da constituição histórica da análise de discurso a partir do lugar do analista, o estudo investiga como essas categorias se configuram e se diferenciam na produção dos sentidos. O problema que orienta o estudo consiste em compreender de que modo a distinção entre autor, narrador e sujeito contribui para leituras discursivas mais precisas e evita sobreposições conceituais recorrentes. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-bibliográfico, fundamentada na leitura e interpretação de obras centrais de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, bem como de estudos que discutem autoria, narratividade e constituição do sujeito. A reflexão articula-se, ainda, ao universo das fanfictions, entendidas como práticas discursivas digitais que evidenciam a instabilidade das fronteiras da autoria e da enunciação, em especial em produções de sujeitos neurodivergentes. Conclui-se que as fanfictions constituem um campo privilegiado para observar o entrelaçamento entre autor, narrador e sujeito, reforçando a relevância dessas categorias para a análise de discurso e para a compreensão dos modos contemporâneos de produção de sentidos.

Palavras-chave: análise de discurso; autor; narrador; sujeito; fanfictions.

Abstract: This study proposes a theoretical reflection on the concepts of author, narrator, and subject within the framework of materialist Discourse Analysis, understanding them as distinct yet articulated notions in the functioning of discourse. Drawing on the historical constitution of Discourse Analysis from the standpoint of the analyst, the study examines how these categories are configured and differentiated in the production of meaning. The central problem guiding the article concerns how distinguishing author, narrator, and subject contributes to more precise discursive readings and helps avoid recurrent conceptual overlaps. Methodologically, this is a qualitative study of a theoretical and bibliographic nature, grounded in the reading and interpretation of key works by Michel Pêcheux and Eni Orlandi, as well as studies addressing authorship, narrativity, and the constitution of the subject. The discussion is further articulated with the universe of fanfiction, understood as a digital discursive practice that reveals the instability of authorship and enunciation boundaries, particularly in texts produced by neurodivergent subjects. The study concludes that fanfiction constitutes a privileged field for observing the interweaving of author, narrator, and subject, reinforcing the relevance of these categories for Discourse Analysis and for understanding contemporary modes of meaning production.

Keywords: discourse analysis; author; narrator; subject; fanfiction.

INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso (AD) constitui-se como um campo teórico interdisciplinar dedicado à compreensão de como os sentidos se produzem na relação entre linguagem, história e ideologia. Ao deslocar a linguagem de uma concepção meramente instrumental, a AD compreende o discurso como materialidade simbólica atravessada por condições de produção, memórias discursivas e posições ideológicas que interpelam os indivíduos como sujeitos. Nesse quadro, conceitos como interdiscursividade, subjetividade e efeito de sentido tornam-se centrais para compreender não apenas o funcionamento dos textos, mas também as formas pelas quais os sujeitos se inscrevem no dizer.

Embora este estudo tenha caráter teórico, o debate proposto articula-se a um objeto discursivo específico: as fanfictions, entendidas como narrativas produzidas em ambientes digitais por sujeitos que frequentemente ocupam posições marginalizadas nos circuitos literários e acadêmicos tradicionais. Essas produções, marcadas pela circulação ampliada, pela interação entre autores e leitores e pela instabilidade das fronteiras da autoria, constituem um espaço privilegiado para observar o funcionamento das noções de autor, narrador e sujeito na contemporaneidade. Ao dialogar com esse universo, o estudo não se propõe a realizar uma análise empírica extensiva de corpora, mas a refletir teoricamente sobre como essas categorias operam em práticas discursivas digitais, em especial em fanfictions escritas por sujeitos neurodivergentes.

No interior desse campo teórico, noções como autor, narrador e sujeito ocupam um lugar decisivo, pois dizem respeito às formas de assunção da palavra, à construção do dizer e às posições discursivas que sustentam a enunciação. Embora amplamente mobilizados em diferentes análises, esses conceitos nem sempre são tratados de modo articulado, o que pode gerar leituras simplificadas ou sobreposições conceituais entre autoria, instância narrativa e sujeito do discurso. Surge, assim, o problema que orienta este estudo: como a análise de discurso compreende e distingue as noções de autor, narrador e sujeito, e quais efeitos teóricos e analíticos decorrem dessa distinção?

Diante desse problema, este estudo tem como objetivo analisar os conceitos de autor, narrador e sujeito no âmbito da análise de discurso de filiação materialista, a partir de uma contextualização histórica da teoria e do diálogo com as contribuições de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Busca-se responder às seguintes perguntas de pesquisa: (i) de que modo a história da análise de discurso contribui para a formulação dessas noções? (ii) Como autor, narrador e sujeito se diferenciam e se articulam no quadro teórico da AD? (iii) Quais implicações essa distinção produz para a leitura e a interpretação de textos e discursos?

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-bibliográfico, fundamentada na análise de discurso, a partir da leitura e interpretação de obras centrais de Pêcheux e Orlandi, bem como de estudos que discutem a constituição do sujeito e os efeitos de autoria e narratividade. O percurso analítico organiza-se da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se uma

breve contextualização histórica da análise de discurso ; em seguida, discutem-se os conceitos de autor, narrador e sujeito no interior da teoria; por fim, são tecidas considerações sobre a relevância dessas noções para a compreensão do funcionamento discursivo.

HISTÓRIA DA ANÁLISE DE DISCURSO

A análise de discurso surgiu na França dos anos 1960, em um contexto marcado por transformações políticas, sociais e intelectuais. Sua emergência está intimamente ligada a três áreas principais do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, mas não se limita a estas. Essas disciplinas ofereceram os alicerces teóricos e metodológicos que permitiram o desenvolvimento de uma perspectiva inovadora sobre a linguagem, o discurso e o sujeito.

O cenário intelectual da França no século XX foi marcado por transformações epistemológicas que colocaram em questão paradigmas tradicionais e promoveram novas formas de compreender a relação entre sujeito, linguagem e sociedade. No campo da linguística, Ferdinand de Saussure (2006) estabeleceu as bases para a linguística estrutural, que influenciou diretamente o desenvolvimento da análise de discurso ao propor a separação entre *langue* (sistema de regras) e *parole* (uso efetivo da linguagem). Essas ideias foram expandidas e reinterpretadas por autores como Louis Althusser, que trouxe a noção de interpelação ideológica, fundamental para a compreensão do sujeito discursivo em Michel Pêcheux (1990).

Outro elemento sempre presente foi a influência da Psicanálise, especialmente o trabalho de Jacques Lacan (1985), que reformulou as teorias de Sigmund Freud ao enfatizar o papel do simbólico e da linguagem na constituição do sujeito. Lacan introduziu o conceito de sujeito dividido, que ecoa nas formulações da análise do discurso ao apontar que o sujeito é sempre atravessado pelo discurso e pelas condições históricas e sociais de sua enunciação.

Simultaneamente, o Marxismo passou por notáveis revisões, particularmente com Althusser (1974), que deslocou o foco da luta de classes para a análise das estruturas ideológicas que sustentam as relações de produção. Ele introduziu a ideia de que a ideologia não é apenas um reflexo das condições materiais, mas uma força constitutiva que estrutura a experiência dos sujeitos. Essa abordagem teve um impacto direto na análise de discurso, especialmente na formulação do conceito de formação discursiva. Já no campo filosófico, Foucault (2008), em particular, influenciou a análise de discurso com sua análise das relações de poder e sua noção de que os discursos descrevem a realidade e também a produzem.

A análise de discurso se diferencia de outras abordagens textuais, como a Análise de Conteúdo, ao propor que a linguagem não é transparente e que o sentido é sempre produzido em condições históricas e ideológicas específicas. Como destaca Eni Orlandi, “a linguagem é a possibilidade do discurso, e ambos têm uma relação de interdependência” (Orlandi, 2005, p. 21). A partir dessa perspectiva, a análise de discurso busca compreender como os sentidos são construídos e mobilizados em contextos históricos e sociais particulares.

Michel Pêcheux, um dos principais teóricos desta linha, enfatizou a importância da noção de formação discursiva, definida como “aquilo que, em uma formação ideológica dada, determina o que pode e deve ser dito”. Essa abordagem permite analisar como os discursos são determinados por relações de poder e por condições históricas que os atravessam. Pêcheux também introduziu a ideia de que o sujeito é interpelado pela ideologia, ou seja, constituído dentro de formações discursivas específicas que moldam suas possibilidades de enunciação (Pêcheux, 1990).

Outro ponto central é a relação entre texto, discurso e ideologia. Para a análise de discurso, o texto é a unidade de análise porque representa o lugar onde se materializa a ordem do discurso. Como afirma Orlandi (2012, p. 72), “a análise de discurso não está interessada no texto em si como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso”. Isso significa que o texto não é um fim em si mesmo, mas uma porta de entrada para compreender os processos mais amplos de produção de sentidos e de interpelação ideológica.

A análise de discurso também trouxe uma contribuição única ao incorporar a materialidade do discurso como elemento essencial de análise. Isso implica reconhecer que o discurso não existe em um vácuo, mas está enraizado em condições materiais específicas que influenciam sua produção e circulação. Como observa Suzy Lagazzi, “tomar o sentido como efeito produzido sobre a cadeia significante requer que exponhamos a relação significado/significante às condições de produção, a exponhamos à história, na sua contradição constitutiva” (Lagazzi, 2011, p. 405).

Todos estes pontos foram somente ressaltados aqui para aproximar o fato de que a história da análise de discurso está profundamente vinculada às transformações epistemológicas do século XX. Sua consolidação como metodologia interdisciplinar permitiu avanços significativos na compreensão da linguagem como prática social e simbólica, ressaltando o papel do discurso na configuração das relações sociais e ideológicas.

SOBRE O ANALISTA DE DISCURSO

A análise de discurso é um campo teórico-metodológico que visa compreender como os sentidos são produzidos, mobilizados e transformados em contextos históricos e sociais. Como aponta Orlandi (2005, p. 12), “a análise de discurso é a disciplina que trabalha na interface entre a linguagem e a história, tendo como foco a relação entre as condições de produção e os efeitos de sentido”. Trata-se de uma abordagem que considera a linguagem não como um código neutro de transmissão de informação, mas como prática simbólica, enraizada em relações ideológicas e materiais.

O objetivo da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto. Em outras palavras, sua finalidade é explicitar como um texto produz sentido. Em seu trabalho, o analista de discurso

deve mostrar os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade. Há necessidade, na análise de discurso, de uma passagem da noção de “função” à de “funcionamento” (sendo que esta nos permite encontrar as regularidades) e da construção de um dispositivo analítico baseado na noção de efeito metafórico (Orlandi, 2012, p. 22).

Como já foi dito anteriormente, a análise de discurso rompeu com abordagens que tratavam a linguagem como algo autônomo ou desvinculado de sua materialidade histórica. Baseada nos princípios do Marxismo, da Psicanálise e da Linguística estrutural, ela se diferencia por compreender a linguagem como um “acontecimento” e não apenas como estrutura (Pêcheux, 1990). Essa perspectiva permite explorar como as formações discursivas são atravessadas por relações de poder, nas quais a ideologia desempenha um papel constitutivo.

A análise de discurso se apresenta como uma ferramenta teórica e metodológica capaz de desvendar as relações entre linguagem, ideologia e história, oferecendo uma abordagem complexa e multidimensional para a compreensão dos processos de produção de sentido. Esse campo se torna de grande importância para investigar como os discursos operam na sociedade, moldando subjetividades e estruturando relações de poder, sendo o ponto principal de estudo para este trabalho.

O papel do analista vai além de uma leitura meramente interpretativa do texto. O analista tem como responsabilidade compreender como os sentidos são produzidos e mobilizados, analisando as condições históricas, sociais e ideológicas que os atravessam. Como aponta Orlandi (2005, p. 45), “o analista de discurso deve estar atento à relação entre o que é dito, o que poderia ser dito e o que é silenciado, reconhecendo as contradições e deslocamentos”.

O analista trabalha com o conteúdo aparente de um texto e também com sua materialidade discursiva. Isso implica investigar como as formações discursivas (definidas por Pêcheux (1990) como os conjuntos de regularidades ideológicas que determinam o que pode e deve ser dito) condicionam os sentidos e posicionam os sujeitos. Nesse sentido, o analista atua como um mediador que desvela os mecanismos que sustentam os discursos e as relações de poder que os constituem.

O trabalho do analista de discurso se baseia em um conjunto de ferramentas teóricas e metodológicas que permitem observar e compreender a relação entre linguagem, história e ideologia. Entre essas ferramentas, destaca-se o interdiscurso, em que o analista observa como os dizeres passados sustentam os dizeres atuais, evidenciando a memória discursiva que possibilita a produção de sentidos.

Além disso, é muito importante analisar os aspectos históricos e sociais que condicionam o discurso. Isso inclui compreender os lugares de onde falam os sujeitos e como esses lugares são determinados por relações de poder. O analista também busca identificar as tensões e contradições que atravessam os discursos, evidenciando como os sentidos podem ser desestabilizados ou deslocados. Segundo Orlandi (2012), a materialidade do discurso é fundamental para compreender como

os sentidos se estruturam. Isso inclui o estudo da relação entre texto, imagem, som e outros elementos que compõem a formação discursiva. No caso deste estudo, será somente o texto da fanfiction.

O analista de discurso flui entre os campos das Ciências Sociais e seu domínio entre a Linguística, também realizando uma reflexão sobre a história e filosofia. No entanto, não se trabalha com a língua fechada, como sistema autônomo, mas sim, como uma materialidade sócio-histórica. Isso porque a análise de discurso, de acordo com Orlandi (2005), não é somente uma prática de leitura de textos, e sim, uma análise da textualização do político e a política da língua que se materializa no corpo do texto, nas interpretações.

Tudo o que é descrito pelo analista de discurso está exposto ao equívoco da língua, constitutivo de sentido e de formações discursivas. O analista tem a responsabilidade de formular questões de interpretação que desencadeiam a análise em si. “Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face às suas (outras) questões” (Orlandi, 2005, p. 27). Por isso que uma análise não é igual a outra, pois sempre levanta questões e conceitos diferentes. Esse momento é conclusivo e importante, pois depende muito do analista e de seu alcance para chegar às suas considerações.

O trabalho do analista não é e não se limita à descrição, pois a própria descrição tem que ser interpretada. O seu trabalho não é somente descrever ou interpretar, é compreender e explicar todos os processos de significação do texto e os momentos de produção de sentido. “Como os sentidos e os sujeitos com suas posições se constituem ao mesmo tempo, o analista busca assim compreender os gestos de interpretação constitutivos dos sentidos e dos sujeitos” (Orlandi, 2012, p. 28). A escrita da análise de discurso deve fazer com que o pesquisador realize análise dos efeitos de sentido dos textos, pois o analista tem o objetivo de observação e compreensão do texto enquanto discurso. Com a sua escrita, em um batimento entre descrição e interpretação, ele torna possível essa compreensão para outras pessoas.

No caso da escrita, ela é tão importante quanto a teoria nesta forma de análise, isso porque ela formula uma relação entre os dois que resulta na compreensão de um objeto simbólico, que é o discurso, submetido à análise, e logo depois, a interpretação do analista. “A compreensão deve preceder a interpretação. A escrita deve dar isso ao seu leitor. Deve conduzi-lo à compreensão do discurso (reconhecimento da materialidade do texto) para que ele então interprete os resultados” (Orlandi, 2012, p. 52), portanto, a análise de discurso não é neutra e sua escrita não é indiferente. E então surge a definição de discurso: é efeito de sentidos entre locutores. O discurso e a língua não podem ser vistos como fechados em si, sem falhas ou equívocos, afinal, a língua é a possibilidade do discurso e ambos têm essa relação.

Na perspectiva materialista da análise de discurso, o analista de discurso é convocado a trabalhar na interseção entre teoria e prática. Isso significa que seu trabalho não é apenas descritivo, mas também reflexivo, visando transformar a

compreensão sobre como a linguagem opera na sociedade. Como destaca Lagazzi (2011, p. 408), “a prática analítica é sempre um gesto teórico que busca evidenciar as contradições e deslocamentos na relação entre os discursos e as condições históricas que os produzem”.

O analista também assume um papel ético, pois sua análise pode expor relações de poder e processos de exclusão que operam no discurso. Como aponta Pêcheux (1990, p. 22), “analisar discurso é colocar em evidência a ideologia que atravessa o texto, revelando suas determinações históricas e sociais”. Isso exige um compromisso com a compreensão das práticas simbólicas e sua relação com o social e o político.

Com o trabalho de descrever o que é dito e investigar o que está em jogo na produção de sentidos, contribuindo para a compreensão crítica das relações discursivas e ideológicas que atravessam a sociedade, o analista de discurso não realmente interpreta o texto, ele torna visíveis os gestos de interpretação e interpreta os resultados da análise do teórico. Ele deixa as múltiplas formulações possíveis, as muitas versões, os sentidos e possibilidades suspensos.

Embora a análise de conteúdo e a análise de discurso compartilhem o interesse pela compreensão de textos e suas implicações, elas divergem em seus objetivos, abordagens e pressupostos teóricos. A Análise de Conteúdo, como definida por Bardin (2011), busca categorizar e quantificar elementos de um texto para identificar padrões ou regularidades. Essa abordagem se fundamenta na ideia de que os significados podem ser extraídos diretamente do conteúdo textual, considerando-o como um reflexo da realidade ou das intenções do autor.

Por outro lado, a análise de discurso rejeita a ideia de que os sentidos são transparentes ou intrínsecos ao texto. Para Pêcheux (1990, p. 22), “a linguagem não é neutra; ela é atravessada por ideologia, história e relações de poder”. Assim, enquanto a Análise de Conteúdo tende a isolar trechos de textos e focar em suas mensagens explícitas, a análise de discurso se preocupa em revelar as condições de produção que possibilitam essas mensagens e as ideologias que as sustentam.

Outro ponto de diferença é o tratamento do sujeito. Na Análise de Conteúdo, o sujeito é geralmente tratado como um emissor de intenções claras e conscientes. Já na análise de discurso, o sujeito é compreendido como um efeito do discurso, constituído pelas formações discursivas e pelas relações sociais e históricas que atravessam a linguagem. A análise sobre o sujeito será feita no próximo item.

A materialidade discursiva também distingue essas abordagens. Enquanto a Análise de Conteúdo foca predominantemente no nível verbal, a análise de discurso considera múltiplas materialidades significantes, como imagens, gestos e contextos históricos, como elementos essenciais para a compreensão dos sentidos. Orlandi (2012, p. 72) reforça que o analista de discurso deve investigar “a relação entre as diferentes formas de materialidade e as práticas sociais que as sustentam”.

O AUTOR, O NARRADOR E O SUJEITO: FOCO EM FANFICTIONS NEURODIVERSAS

Na análise de discurso, as categorias de autor, narrador e sujeito apresentam distinções que valem a pena serem tratadas em um item específico deste trabalho. Essas categorias, embora frequentemente associadas a contextos literários e narrativos, ganham uma nova dimensão quando analisadas sob a perspectiva discursiva, que enfatiza as condições históricas, sociais e ideológicas de produção dos sentidos.

O autor, na perspectiva da análise de discurso, é compreendido como um efeito discursivo, uma construção simbólica que organiza o texto e atribui a ele coerência e unidade. Eni Orlandi (2012) fala sobre o “efeito-autor” como uma posição discursiva que é atribuída ao sujeito responsável pelo dizer, permitindo que o texto seja lido como uma totalidade. Esse autor, entretanto, não deve ser confundido com o sujeito biográfico ou empírico que escreve; ele é, antes, uma construção simbólica que opera no interior do discurso.

Entretanto, o narrador é uma entidade discursiva interna ao texto responsável por conduzir a narrativa e interagir com o leitor. Na análise de discurso, o narrador pode ser analisado como uma posição-sujeito, determinada pelas formações discursivas e pelas condições de produção do texto. Ele não é autônomo, mas está atravessado pelas relações ideológicas que estruturam o discurso. Em textos de ficção escritos por fãs (conhecidos como fanfictions), por exemplo, o narrador pode refletir as próprias dinâmicas de identificação e projeção dos autores com os personagens e os contextos narrados.

O sujeito, por sua vez, é uma noção mais ampla na análise de discurso, que transcende a ideia de um sujeito consciente e autônomo. Para Pêcheux (1990), o sujeito é interpelado pela ideologia e constituído nas relações discursivas, sendo atravessado pela história e pelas condições materiais de produção. Ele não é uma instância fixa, mas um efeito de discurso, sempre em relação com as formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito. Essa constituição é marcada por tensões e contradições, que se manifestam nas diferentes posições que o sujeito ocupa no discurso.

Como foi anteriormente citado, quando se trata de fanfictions, essas categorias frequentemente se entrelaçam de forma complexa, especialmente em textos em que o personagem se autodenomina neurodiverso, assim como o autor/narrador. Nesse contexto, o narrador, o autor e o sujeito discursivo se confundem, criando um jogo de posições que desafia as fronteiras tradicionais entre essas categorias. A possível autoidentificação do autor com seu personagem atravessa o discurso, possibilitando a emergência de sentidos que articulam experiências pessoais e representações ficcionais. Não somente experiências pessoais, como a possibilidade de idealizações do que a própria autora gostaria em sua realidade vivida.

O efeito-autor, aqui, se materializa na construção textual e na relação da autora com a comunidade digital onde sua fanfiction circula. Plataformas como o Wattpad promovem uma dimensão de interação entre autores e leitores que reforça a responsabilidade discursiva do autor enquanto uma figura ativa na mediação dos sentidos. Esse meio também permite que o narrador assuma funções mais dinâmicas, interagindo com os leitores através de elementos metatextuais ou dialogando diretamente com eles nos comentários e nas notas de autor.

A ideia de posição discursiva também é central para compreender o narrador em fanfictions. Em narrativas como essa, o narrador pode ser visto como uma extensão das experiências e representações da autora e como um lugar onde se materializam as tensões entre a subjetividade e as formações discursivas. Essa posição discursiva do narrador reflete as ideologias e as dinâmicas sociais do meio digital, que frequentemente valorizam a autenticidade, a representação e a identificação.

A diferença do autor, do narrador e do sujeito na perspectiva discursiva nos faz compreender como os sentidos são produzidos e como as relações entre experiências pessoais, ficção e interação social se articulam em plataformas digitais. Essas categorias, embora distintas, se encontram em tensões e intersecções que revelam a complexidade dos discursos contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma reflexão teórica sobre os conceitos de autor, narrador e sujeito no âmbito da análise de discurso de filiação materialista, compreendendo-os como noções distintas, porém articuladas, no funcionamento do discurso. Ao retomar a constituição histórica da análise de discurso a partir do lugar do analista, buscou-se evidenciar que tais conceitos não se apresentam como categorias fixas ou universais, mas como efeitos teóricos produzidos em determinadas condições históricas e ideológicas.

A análise permitiu compreender que o sujeito, na perspectiva da análise de discurso, não se confunde com o indivíduo empírico, mas se constitui como efeito da interpelação ideológica, atravessado por formações discursivas e por uma memória que antecede e excede o dizer. Já o autor emerge como um efeito de fechamento e de organização do texto, funcionando como instância que produz a ilusão de unidade, origem e coerência do discurso. O narrador, por sua vez, ocupa uma posição específica no interior da materialidade textual, mediando o dizer e organizando a enunciação, sem que isso implique coincidência com o autor ou com o sujeito do discurso.

Ao destacar essas distinções, o estudo evidencia que a sobreposição acrítica entre autor, narrador e sujeito pode obscurecer o funcionamento discursivo e empobrecer a análise. Diferenciar essas instâncias permite ao analista compreender com maior precisão como os sentidos se produzem, como as posições discursivas se deslocam e como a ideologia opera na constituição do dizer. Trata-se, portanto,

de um movimento teórico que não visa compartimentalizar conceitos, mas explicitar suas articulações e tensões no interior da linguagem.

No contexto das fanfictions, as distinções entre autor, narrador e sujeito tornam-se ainda mais produtivas para a análise discursiva, uma vez que essas narrativas emergem em ambientes digitais marcados pela participação, pela circulação ampliada dos textos e pela instabilidade das fronteiras tradicionais da autoria. Nessas produções, o autor não se apresenta como origem plena do dizer, mas como efeito de uma prática discursiva coletiva, atravessada por memórias, universos ficcionais pré-existentes e comunidades de leitura e escrita. O efeito-autor, nesse caso, constrói-se na tensão entre a ilusão de singularidade e a evidência de um dizer que se inscreve em redes discursivas compartilhadas.

O narrador, por sua vez, assume um papel central na organização do discurso ficcional, funcionando como instância que media a enunciação e estrutura o relato. Nas fanfictions, essa posição narrativa frequentemente se desloca, fragmenta-se ou se multiplica, seja pela alternância de pontos de vista, pela inserção de vozes internas ou pela proximidade afetiva entre narrador e personagens. Tal configuração evidencia que o narrador não coincide nem com o autor empírico nem com o sujeito do discurso, mas opera como uma posição discursiva específica, construída no interior da materialidade textual.

Quanto ao sujeito, a análise discursiva das fanfictions permite observar de forma privilegiada os efeitos da interpelação ideológica e da identificação. O sujeito que se enuncia nessas narrativas é atravessado por experiências, desejos e memórias que não se reduzem ao indivíduo que escreve, mas que emergem como efeitos de sentidos produzidos na relação com discursos sociais mais amplos. Em fanfictions escritas por sujeitos historicamente marginalizados, como pessoas neurodivergentes, observa-se com frequência a reinscrição de posições subjetivas que tensionam discursos hegemônicos, produzindo deslocamentos nos modos de dizer e de significar a si e ao outro.

Dessa forma, as fanfictions evidenciam com particular nitidez o entrelaçamento entre autor, narrador e sujeito, ao mesmo tempo em que reafirmam a necessidade de distingui-los analiticamente. Ao embaralhar essas instâncias e colocar em evidência sua não coincidência, essas narrativas digitais oferecem um campo fértil para a análise de discurso, permitindo observar como a autoria se constrói como efeito, como o narrador organiza o dizer e como o sujeito se constitui discursivamente na linguagem. Esse funcionamento reforça o potencial das fanfictions como material privilegiado para análises que buscam compreender a produção de sentidos, a constituição do sujeito e as disputas ideológicas no interior do discurso.

Do ponto de vista da prática analítica, a reflexão desenvolvida reafirma a centralidade do analista de discurso como sujeito histórico situado, responsável por construir recortes, formular perguntas e interpretar os efeitos de sentido a partir das condições de produção. É nesse gesto analítico que autor, narrador e sujeito deixam de ser categorias abstratas e passam a operar como ferramentas conceituais fundamentais para a leitura crítica dos textos.

Conclui-se, assim, que a distinção entre autor, narrador e sujeito constitui um aporte teórico relevante para a análise de discurso, pois contribui para aprofundar a compreensão da autoria, da enunciação e da constituição do sujeito na linguagem. Ao reafirmar a historicidade e a opacidade do discurso, essa reflexão fortalece o compromisso da análise de discurso com uma leitura que problematiza evidências, desloca sentidos naturalizados e reconhece a linguagem como espaço de disputa, memória e ideologia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALLO, Solange Leda. **Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

_____. **ChatGPT: hiperautor ou não autor?** Discurso, Política, Tecnologia, v. 7 n. 1, 2023.

LACAN, Jacques. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Livro 11. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 1990.